

## **XII CONVENÇÃO NACIONAL DO BLOCO DE ESQUERDA**

### **Intervenção de Jorgete Teixeira (distrito de Setúbal)**

Sou subscritora da Moção E - "Enfrentar o empobrecimento polarizar à esquerda", e acredito que é na diferença e independência de pontos de vista e na disputa fraterna, em todas as frentes que se consubstancia a riqueza do nosso Partido.

A razão de ser do Bloco é a transformação da sociedade no sentido do Ecosocialismo. Requer-se uma linha política à esquerda na defesa dos mais frágeis, mas também um partido vivo, em que as correntes não abafem e manipulem, em que as estruturas intermédias e locais tenham voz activa nas decisões a nível nacional e não sejam apenas um corpo autómatos de cumprimento de ordens e tarefas. A democracia interna é o cimento que mantém viva e saudável qualquer organização. Não pode ser encarada numa atitude displicente de que tudo vai melhorando com o tempo. A democracia interna é aqui e agora. Na mais rigorosa regulamentação do voto por correspondência, na maior limpidez quanto ao processo de isenção de quotas, na exigência da proporcionalidade em todos os órgãos do Bloco, na circulação interna de informação.

Para a transformação social que almejamos é também urgente o enraizamento nos locais onde nos inserimos assim como a quebra de uma lógica que nos faz reféns das agendas parlamentares. A direcção das iniciativas deve surgir de baixo e procurar apoio em cima, quando necessário, e não ao contrário. E muito menos tentar coarctar a autonomia das estruturas locais nas suas decisões.

É no Bloco de Esquerda que milito. É neste partido que luto por aquilo que considero justo. Fora e dentro. Aqui me revejo como bloquista nunca esquecendo a minha condição de mulher. Uma mulher entre outras, companheiras da actualidade e também anteriores a mim que ao longo dos séculos lutaram contra a sociedade machista e castradora.

Lutando contra todos os crimes de violação dos seus direitos, contra a calamidade que é o femicídio que todos os anos ceifa a vida a dezenas de mulheres e que tem vindo a crescer desde 2018 sendo que em 2020 houve 35 mulheres assassinadas e 56 tentativas de assassinato segundo o Observatório das mulheres assassinadas da UMAR.

Destas 35 mulheres 10 tinham apresentado queixa às autoridades.

Por isso digo: Que jamais a voz de uma mulher que ousa denunciar o abuso seja ignorada ou minorizada a sua importância. Porque essa denúncia pode ser o gesto que é preciso para quebrar um ciclo de violência e maus tratos e talvez a morte.

Por detrás de uma denúncia está quase sempre um acto de coragem, contra o medo de enfrentar uma sociedade ainda tão penalizadora para as mulheres. As queixas são tantas vezes ignoradas ou desvalorizadas pelas forças policiais.

As sentenças despenalizadoras dos agressores pelos juízes acabam também por desmotivar quem ousa erguer-se contra os abusos. Como aconteceu ainda esta semana quando uma juíza achou que não era grave que um marido arrastasse pelos cabelos a companheira pela rua.

As agressões físicas, sexuais, psicológicas têm de ser denunciadas fora e dentro. Com a mesma firmeza, com os mesmos critérios. Porque a violência doméstica é transversal a todas as classes e todas as ideologias e não se anuncia com qualquer marca no rosto. Vive dentro das casas, por detrás das portas fechadas e por isso é tão difícil fazer prova das agressões.

Há um longo caminho a percorrer no sentido da total erradicação destas práticas criminosas. Há um longo caminho a percorrer para uma efectiva emancipação das mulheres.

Temos de pugnar por uma educação não reprodutora de estereótipos e papéis de género, aberta e inclusiva.

Viva a XII Convenção!

Viva a pluralidade!

Viva o Bloco de Esquerda!

Jorgete Teixeira

23 de maio de 2021